Arquipélago Trabalho

Chamo-me Andrade.

Sou um dos panhonhas da vida. Deves conhecer-me, vês-me na rua. Sou uma daquelas pessoas que conheces e esqueces imediatamente sob o peso de um juízo fácil e imediato.

«É um perdedor», um vale nada, um inapto, um triste, um desgraçado, um zé ninguém, sentencias em introspecção.

Penso que tens razão.

Não gosto de trabalhar. Detesto.

Odeio o mundo do trabalho, pelo menos tal e qual o tenho conhecido até agora.

A verdade do trabalho é uma verdade feita e mais santificada que a necessidade de comer carne todos os dias.

Não me vejo como particularmente rebelde nem particularmente disfuncional. A necessidade que tenho de te dizer isto mostra-nos claramente que começar uma cruzada contra o ‘trabalho’ é visto como rebeldia estéril ou sinal de cabecinha fraca.

Dizes-me que também tu não gostas nada de trabalhar mas que tem de ser. Que o mundo é assim e que tens de pagar a tua vida, que faz parte de ser adulto, que se não trabalhamos nada aparece feito, morreríamos à fome, ficaríamos parados a meio do progresso, que toda a gente tem de trabalhar.

Quando insisto cedes e dizes-me para procurar qualquer coisa que eu goste de fazer. Eu gosto de conspirar contra o trabalho.

Dou comigo assustado quando sozinho na minha cabeça e após os convívios, as gargalhadas, os discursos e as festas de natal, mergulho em cogitações nas quais as companhias, os risos, as palavras e os rituais me parecem um tal véu de ilusão, relativo mas absoluto, um andar intermédio onde todos vivem e no qual escolho retirar-me para viver numa cave auscultando a vida perene e falsa do andar de cima.

Assusto-me com a certeza que tenho que os outros é que estão enganados. Por isso pago.

Pago com provocações, discussões constantes, desconsiderações, e sou de certa forma ostracizado, estrangeiro na minha vizinhança, porque pura e simplesmente não me consigo limitar a fingir que vivo como todos, e forço-me a engolir a revolta que guardo dentro de mim.

Em meu redor se encontra tecida uma teia, uma rede de relações humanas que me tentam puxar para a razão para a normalidade, para a razão, e a normalidade dá-me vómitos. Estarei tão alienado que consigo reflectir sobre a minha doença e a normalidade dos outros?

I

Desde que comecei a trabalhar aos 16 anos, que senti que algo havia de profundamente errado no trabalho. Eram os braços doridos no Verão quando nas férias grandes trabalhava junto com minha mãe numa fábrica. Não percebia muito bem como podiam andar com olhar alegre as pessoas que lá trabalhavam, quando todos tínhamos durante 8 horas de ficar retidos num rectangular recinto.

Por detrás da gravidade da função via eu nos operários uma vida que latejava, verdadeiramente humana, eram as intrigas, as gargalhadas, o choque de gerações, as dinâmicas entre os sexos, as dinâmicas entre chefes e chefiados, as novidades dos serviços e as relações com as máquinas, e todo o pano comum era o de desempenhar um esforço para se poder levar para casa o sustento e sair de cara lavada à rua perante os olhares judicativos dos outros, aqueles a quem nunca confessaremos que o trabalho é uma canga com medo que pensem que somos maluquinhos e nos relativizem. Nada há de pior que ser relativizado, ser des-considerado no seio dos outros, é como não ter palavra a dizer. O desconsiderado pode falar mas ninguém o leva a sério. É de certa forma afastado do núcleo vivo da comunidade reduzido à única e mais abstracta categoria de ser humano, é uma pessoa, mas sem poder político, sem capacidade de intervenção no núcleo vivo que são as diversas redes de comunidade e cumplicidade que o rodeiam. É em parte por isto que tanta gente se preocupa com a postura e as atitudes em público, sob pena de fomentar confiança a mais ou medo de perder relevância ou perder o tal poder político. A criança por exemplo era naquele tempo um des-considerado, pois exprimia-se mas no fundo o que contava era a sapiência fatal dos adultos que estavam convictos da sua maior experiência e acerto de pensamento em relação à realidade, bem como o maior peso dos velhos nessa partilha de uma visão fatal sobre a ‘vida’, sob expressões como ‘antigamente tinha-se de fazer assim ou assado, não é como hoje em dia…’.

Estruturava-se assim no meio proletário uma das ínfimas gradações que se podem olhar em mornas noites de Estio. A sabedoria dos velhos podia ser útil como exemplo ou como base de dados. Hoje num mundo tão aparentemente evoluído e frenético, os velhos são bens descartáveis. Excepto para a indústria que os explora como isco.

No Verão seguinte comecei a formação em obras, com a pintura do interior de uma vivenda entregue a 5 homens de diferentes idades e cuja ligação suburbana passava por se conhecerem uns aos outros lá no bairro. Fazia tudo o que me mandavam mas me diziam que me faltava fibra. Ao mais novo eu tentava seduzir para assuntos mais pueris como observar a parede de outro ângulo ou a colecção de isqueiros do dono da casa. Mas tal era evitado pelo seu medo de ser incluído na mesma categoria de mascote que me pertencia, afinal uma não entrega absoluta à missão significava a desconsideração de um mundo para o qual queria entrar, o dos adultos.

A missão não me suscitava qualquer interesse, nem as conversas que eram orientadas para a criação de boa disposição no desenrolar da jorna. Era eu que ia buscar o tinto com sumol ao frigorífico, era o aguadeiro.

Lavava os rolos, as trinchas, descarregava os sacos de cimento, cuja minha inconsciência de adolescente, me fez querer também ser adulto, e nada melhor que pegar em 50 quilos de Portland e ganhar uma hérnia discal para mais tarde recordar.

Era insuportável a rotina de nada fazer, e ter de estar condenado a estar ali, pese embora a solidariedade e bondade dos participantes, para comigo. Não me seduzia a rotina, e era suportável porque sabia que mais um mês e voltaria à escola. O trabalho era sazonal.

Respeitava e admirava os companheiros que levavam a empreitada adiante, e que se sacrificavam aparentemente sem esforço. Abominava a canga monótona que nos conformava a convivência.

Amealhados os trocos lá fui comprando a minha televisão e vídeo vhs para ver filmes alugados nos clubes de vídeo locais.

No ano a seguir já entrei para a função de acartar baldes de massa para fazer a betonilha mas o vigor da idade não fazia sentir o cansaço e mantinha-se o ânimo por poder conviver com meus próximos a execução fraterna de um propósito comum. O melhor do trabalho é mesmo o convívio humano que através dele se vive. Entre os meus camaradas de labuta as primeiras percepções de uma veia coerciva pois a dignificação do trabalho nas conversas sobre política, nas avaliações das personalidades de conhecidos comuns onde a disponibilidade para o trabalho representa um valor moral, e onde o meu estranhamento residia por saber que abomino a repetição e o trabalho forçado e abstracto, embora parecer ser o único. Em que ponto é que o sujeito abdica da resistência e da revolta contra essa imposição e a abraça incondicionalmente? Quando é que cada um cede e transforma esta realidade coerciva num pilar judicativo da sua visão do mundo?

Passa-se um ponto de ruptura ou é mais fácil ceder à evidência do trabalho? No trabalho desde que se o aceite, se o ame, se o defenda, tudo é fácil. Os encomiastas são considerados e ouvidos, positivamente discriminados, porque aceitaram a evidência da vida.

Calões e preguiçosos, laboriosos e dinâmicos, senhores e servos, cantam em uníssono esta melodia elogiosa. Falar contra o trabalho não é insulto, é tolice.

Nem tão pouco não querer fazer nenhum. Insulto é não respeitar a ritualidade do trabalho, a solenidade da sua realidade.’Serviço é serviço, conhaque é conhaque’ e a vida é um enclave entre o mundo do labor e o sono.

Empreiteiros passavam por mim e o tratamento não era o de igual para igual, mas de alguém que se sente sentar em degraus acima, mesmo concidadãos de mesma classe social, precisam de vincar a sua antiguidade ou monopólio técnico de sapiência das coisas, numa clara estratificação que visa estabelecer hierarquias que asseguram os operadores, protegendo contra o caos da relatividade da condição humana. Sabendo cada um o seu lugar, nenhum se perde, e o mundo aparece estruturado.

O patrão tem sempre razão especialmente quando é cortejado.

Eram tempos folgados, o admirável mundo novo da riqueza aparente tornava relativamente aprazível viver num ambiente sem pressão mas a rotina, a repetição sem sentido de uma missão que não é para cumprir mas para ir cumprindo, faziam-me ansiar por fazer algo em adulto que não passasse por semelhante harmonia.

Foi a explosão da construção civil que arrastou também milhares de trabalhadores de outros países para o novo el dorado de estuque rachado e vigamento deficiente. Com eles chegaram os tempos das vacas magras pois a competição lançou os preços por aí abaixo e foi cada vez mais difícil viver condignamente.

Certas vezes vinha para casa de transportes e a repulsa pela condição de trabalho braçal e sujo era patente nos olhos dos observadores que se perdiam brevemente a avaliar o andrajoso jovem como mais um condenado à mesma mediocridade especialmente numa altura em que quem se vergava nos sectores tradicionais era considerado como anacronismo.

Temia essas ocasiões e cheguei a levar roupa de casa para não passar por isso. Outros companheiros faziam o mesmo. O olhar judicativo na carreira de autocarro, e as poses de superioridade eram tão assertivos que uma estátua de pedra se sentiria de manteiga na instalação dúvida.

Trabalhar nas obras era considerado fracasso nesse distante Portugal moderno. Os clientes que contratavam os ‘nossos’ serviços tratavam com proximidade o patrão’ mas com soberba os empregados. Acabei o secundário com esperanças de poder escapar a esta lógica de hierarquização e desigualdade. Estava farto de escola e decidi cumprir o meu serviço militar voluntariando-me. Repetição do mesmo, o melhor é a camaradagem, o pior a contínua variação dos modos de tratamento, mesmo dentro daqueles que teoricamente estariam em posições equivalentes. Já não passava já por uma questão de garantir respeito, mas também de garantir uma visão acerca de si e do seu valor, de acordo com a antiguidade ou a experiência. Os que supostamente ocupavam as cúpulas do oficialato tratavam os de fundo de tabela como epsilons do Huxley, ‘ó Zé nabo calcula-me lá isto’ mostrando por vezes uma convicção latente de que a diferenciação em dignidade obedecia a factos científicos de origem genética. Adorava o que fazia a maior parte das vezes e não me lembro de negar a nada, insuflado que estava da crença de que servia o meu país. Mas sentia que queria e tinha capacidade para algo mais exigente. Até que nem fosse para garantir um pouco da dignidade de tratamento que desde a adolescência me escapava. Talvez se fosse doutor e pudesse provar que não era mais um, como me sentia tratado, pudesse finalmente viver em igualdade com os homens. Estudei e entrei para a Universidade. Durante uns tempos não cabia em mim de orgulho. Já não me sentia tanto com as diferenças de tratamento porque agora fazia algo que só alguns faziam, e tinha sido seriado e até nem me tinha saído nada mal.

O primeiro ano foi nulo, demorei-me a ambientar e acabei por ter de sair da tropa já numa fase em que me sentia de igual para com os outros que como eu tinham um curso superior, ou estavam em vias de o ter.

Custear o meu percurso levou-me a trabalhar em cinemas, a fazer e servir pipocas em contacto com o público, que quase nunca é simpático e tratam o funcionário de forma mais displicente que o contratador de serviços. É difícil levar a sério um trabalho onde a merda calha sempre aos mesmos e onde após determinada absorção desse mesma matéria fecal, geralmente com exposições prolongadas, se evoluiu para um patamar onde o que há a desempenhar não é tão mau, e onde geralmente se começa a aprender o ofício de capataz, isto é a incentivar coercivamente os outros para o trabalho. Algumas boas almas advogam que se começa por baixo para aprender o ofício, mas em geral, evolui-se do trabalho sujo para o ‘administrativo’ não parecendo haver relação entre por exemplo a técnica de atender telefonemas e a função de gestão de um grupo de operadores de atendimento, a não ser que a conversa telefónica transmita noções de gestão. Ou seja, fora do discurso oficial o que existe é uma longa cadeia de hierarquias que exigem mais obediência e interiorização do sistema vigente, que propriamente competência. É esta a minha experiência.

Além de que sempre me interessou o facto de que os piores trabalhos são os mais mal pagos. Alguns escudam-se na ideia de que quem estudou merece recompensa. Eu e milhares de outros estudámos e não obtivemos nenhuma recompensa que não comprar um bilhete de avião para voar daqui para fora. Outros escudam-se na ideia de que houve uma aposta em cursos errados e os madraços optaram pelos mais fáceis, mas lá fora, para onde se compra o bilhete de avião, se pede inclusivamente aquilo que aqui não tem aceitação de mercado.

Adiante, depois dos cinemas passei para a facilidade de empregos no sector de recolha de lixo. Vulgarmente conhecido como ‘call centers’ onde pernoitei 10 anos e com consequências psicológicas até hoje em mim perdurando. Se me tivesse aguentado hoje poderia ser coordenador ou supervisor e quem sabe até chefiar um departamento obscuro qualquer.

Mas não conseguia, esforçava-me, mas o nó no estômago e as náuseas colhiam a sua vítima a partir de determinado tempo. Umas vezes porque não aguentava, outras porque mudava porque achava que tinha arranjado algo melhor. Nunca estive ou queria estar de coração num sítio que não respeitava, com a cultura burguesa de camisas engomadas por fora das calças de ganga que cobriam sapatinhos de vela e espreitavam as poupas de gel e laca. Desprezava as projecções de vida louca pelos bares da moda lisboeta, perpétua continuação da aura de popularidade ou sucesso social que havia observado no secundário. Os «populares» do *call center*  eram os que conjugavam uma vida social preenchida e uma sapiência fatal acerca de tudo o que se passava no serviço. Eram os que impunham um respeito e mistificação pela hierarquia, pelos chefes, ainda assim de forma mais rebuscada e serôdia que alguns dos professores universitários que conheci que se referiam a colegas seus pela total extensão dos títulos académicos.

O *call center* em que trabalhava, tinha contrato com várias empresas de trabalho temporário, que retinham dois terços do valor total pago, por cada operador. A função era disponibilizar e disciplinar o recurso humano que serviria para dar a cara perante o cliente, umas vezes para questões de funcionamento do serviço, outras para mascarar as burradas cometidas em tanta mudança de gestão e chefias, a níveis intermédios e superiores da corporação. Se algo funcionava, não era garantia que pudesse continuar. Um pouco como as revoluções no Ministério da Educação, cada gestor de topo queria deixar a sua marca e reformulava como lhe apetecia, e o que era verdade num dia era mentira no outro. Na salinha refeitório tínhamos água engarrafada e microondas para aquecer os tupperwares, com arroz de frango ou massa com atum.

No Natal havia uma festa da empresa onde os chefes confraternizavam de igual para igual com os outros, que porreirice a deles, mas geralmente só quem acreditava naquela merda é que ia.

A maior parte estava ali para desenrascar alguma faceta da sua vida e depois partia para algo melhor. A facilidade de emprego fazia-me despedir e procurar outra coisa só encontrando aquilo de que eu havia fugido em primeiro lugar. Mas adorei os tempos de escola, miúdas, cinema, livros e tudo isso. Dei por mim a trabalhar para um banco a vender cartões de crédito, onde a solenidade pelo serviço era acompanhada por um dinamismo de manga arregaçada.

Em todos os centros de atendimento em que passei, havia a promessa difusa de que se nos esforçássemos podíamos passar para funções melhores, podíamos até vir a fazer parte do clã.

Sempre tive pudor sobre essa determinação. Eu estudava o que gostava e queria fazer o que gostava. Outros colegas meus tinham estudado para ter o canudo, para no futuro poderem mostrar que tinham completado uma formação e que a culpa seria do mercado por não os absorver. O curso era uma espécie de cicatriz de guerra que revelava a dignidade e a reverência devida ao combatente.

Enviava imensas propostas para a casa dos clientes mas eles não compravam o cartão, apreciavam a minha simpatia mas não queriam aquilo, e uma chamada de alguém que se queixou da dificuldade de gerir o ordenado e do peso que seria o cartão, fez-me decidir a não colocar lá os pés nem a impingir aquilo ao meu próximo.

Voguei umas temporadas sem trabalhar, ocasionalmente fazia uma temporada num centro de apoio, mas gradualmente fui queimando o meu nome nas empresas de trabalho temporário e um dos meus últimos foi num projecto pioneiro que nunca saiu da fase de projecto,